

Balneários castrejos do Noroeste peninsular . Notícia de um novo monumento do Castro de Roques

Armando Coelho F. Silva
Tarcísio Daniel P. Maciel

ABSTRACT

Notice of the identification of a new indigenous bath structure in the Castro of Roques, Lima Valley, regarding the discussion of this finding about the location, chronology, typology and function of these protohistoric monuments of the peninsular Northwestern Castro's Culture.

O conhecimento da arquitectura, pública e privada, dos povoados castrejos do Noroeste peninsular tem vindo a conhecer um aprofundamento significativo com o desenvolvimento da investigação proto-histórica regional, com particular destaque para as instalações balneares, enquanto construções mais monumentais da cultura castreja, atendendo quer à sua estrutura quer à sua composição decorativa.

Esta primeira notícia sobre um novo monumento identificado no castro de Roques, que se reparte pelas freguesias de Vila Franca, Subportela e Vila de Punhe, concelho de Viana do Castelo, aparece como mais um ponto expressivo de uma “cartografia cognitiva”, tal como preconizada por Jameson (1984) e Walsh (1994), enquanto problematizadora de áreas geográficas, cronologias e funcionalidades, de interpretação identitária.

O castro de Roques (Fig. 1 e 2), situado à Lat. 41° 40' 30", Long. 0° 24' 30" (Lx) e Alt. 269m (Cartas 1:25000, SCE, fl. 40; 1:50000, SG, fl. 5-A) entre os vales do Neiva e do Lima, controla a passagem entre as respectivas bacias. Em rigor geográfico, as pendentes Norte, Nascente e Poente e respectivas linhas de água são parte integrante da orografia do vale do Lima. No entanto, na extremidade Sul da elevação têm origem linhas de água que subsidiam o Neiva.

Dispondo de óptima visibilidade sobre o meio circundante, em especial sobre toda a bacia inferior do Lima e a sua foz (Fig. 3), o monte de Roques não domina a mesma área da bacia do Neiva, a não ser o seu troço final, junto à foz, e o vale interior do ribeiro dos Reis Magos, no seu curso desde a nascente até à actual freguesia de Mujães. O horizonte visual privilegiado encontra paralelos nos recursos agrícolas e pecuários, com destaque para as veigas da margem esquerda do Lima, na área das freguesias de Vila Franca e Subportela, e também nos recursos mineiros. Com efeito, o monte situa-se próximo do encontro de massas graníticas e xistosas, com afloramentos quartzíticos indiciadores de minérios diversos, e marcas

da sua exploração são visíveis em grande quantidade de detritos, que ainda se podem observar junto ao Coturinho, na elevação castreja que se destaca em Vila de Punhe, no extremo sul do maciço de Roques. A base geológica do monte é o granito, de grão grosseiro, muito utilizado em trabalhos de cantaria, com a denominação de “pedra de Roques”.

Este imenso povoado castrejo é também chamado monte do Santinho, segundo designação relacionada com o Penedo (da pegada) do Santinho, derivada da interpretação tradicional de um encaixe numa laje granítica de um gonzo da porta de um edifício castrejo como sendo uma pegada de S. Silvestre, já registada por Francisco Martins Sarmiento e, pouco depois, por Pinho Leal, tendo merecido particular atenção a Leandro Quintas Neves e Arlindo Ribeiro da Cunha, cujas informações se tornaram pista da descoberta da presente notícia.

Os vestígios da grande área ocupada por este povoado e o seu valor arqueológico passaram quase despercebidos até à visita de Francisco Martins Sarmiento, no último quartel do século XIX, segundo registo dos seus apontamentos pessoais (Sarmiento 1999, 207-209 < 15.10.1881):

Monte de Roques (...) *O monte de Roques fica na freguesia de Vila de Punhe. Do alto dele (para norte) e de um sítio chamado “o alto do Santinho” atirou S. Silvestre – diz a lenda local – a bengala (sic) por sobre o rio Lima. A bengala foi cair no monte do actual S. Silvestre (margem direita do Lima), em frente do de Roques, e aí se construiu uma capela ao Santo. Bem que no “alto do Santinho” não haja memória de capela alguma, é natural que aqui existisse antigamente a capela de um santo e talvez de S. Silvestre. Encontram-se ainda três degraus abertos numa laje. O último degrau formava a soleira, parece, porque tem um pequeno rasgo, como de batente, e dos lados cavidades para coucão.*

a) duas pequenas cavidades redondas – para ferrolho; b) tomado como pegada: é inegavelmente cavidade para coucão.

Degraus e soleira são, repito, abertos numa laje. Esta porta virava para nascente.

O monte para o lado do Lima, de que dista mais de meia légua, era abrupto; As muralhas deste lado estão cobertas de terra e vê-se-lhe o competente talude. Pelo lado oposto, sul – poente, há uma complicação de muralhas, destinadas a defender o alto, que quase não tem planura, mas é composto de picotos (daqui o nome de Roques?), tudo muito acidentado. Muitos lanços de muralha à vista, de pedra miúda, não têm mais e cinco palmos de largo. Abundam as casas circulares e quadradas, mas as circulares parecem em maior número. Algumas têm sido exploradas, quer por um engenheiro – Palma – quer por outro sujeito, cujo nome não retive. O aparelho das casas circulares e quadradas, interior, é o da Citânia, pedras muito miúdas.

Uma das casas circulares exploradas, de quatro metros de diâmetro, tem a particularidade de ter no pavimento um círculo de pedras de um decímetro de largo, e cinco decímetros distante da parede exterior.

Não percebo para que fosse.

Uma casa quadrada foi escavada interiormente até abaixo do pavimento coisa de 0,64, mostrando uma altura de 1,54. Um dos ângulos desta casa é arredondado. O recinto murado era muito extenso e grande a quantidade das casas. Há restos de ânforas (dólios) e de telha romana. Cerâmica grosseira é muita. Encontrei um fragmento que mostra ter tido uma asa, como as vulgares de Sabroso. Um pedaço de lâmina de xisto pode bem ter sido uma velha telha. Apanhei um pequeno fragmento de bronze inclassificável, que veio decerto do desentulho de uma casa. Não vi círculos. Covinhas em penedos são abundantes. Mais notável é uma pequena pegada, igual às duas de Sabroso, associadas com covinhas.

Noutro penedo, uma gamela também com duas covinhas.

Há também, a norte do marco geodésico, um penedo singular. O penedo é escavado por dentro, formando uma abóbada, mas cobrindo outro que lhe fica dentro, como mostra o seguinte corte.

Mas a abóbada fica livre adiante do penedo interior, como se vê no corte recto seguinte (...).

Agora, singular é que esta espécie de docel foi rasgada, como se vê ainda pelo sinal de algumas

cunhas na face e borda inferior da abóbada. De longe, esta coisa faz lembrar uma porta, que teria um vestíbulo a a a, como mostra um cordão de pedras ainda enterrado e com a coroa à vista.

Na encosta do monte, mas intramuros e voltada para o Lima, está a “Casa dos Mouros”. Passava por ter uma profundidade enorme, e no fim uma abóbada de pedra. É uma caverna que se bifurca em duas minas, como as da Citânia. A da esquerda terá de extensão doze metros; a da direita ainda menos. Os nossos cicerones (dois alfaiates) espantaram-se de que não tivesse medo de descer (com uma vela de sebo). Ali haveria coisa má, etc.

Do lado do poente, já extramuros, mas quase pegando com eles, há um morro de terra que figura uma mamoinha; mas decerto o não é. Tinha sido explorada como o mostra o corte em cruz. Nem pedra, nem coisa de notável.

Vindo das Neves para o monte, um lugar chamado: Arques.

NB. Numa das casas quadradas, as paredes são, aqui e li, recheadas com cacos. Dir-se-ia que algumas pedras mostram sinal de cal; mas o granito mostra por vezes este aspecto, como se viu na Citânia.

No *Portugal Antigo e Moderno*, Pinho Leal (1886, 11, vb. *Vila Franca*, 743), refere a mesma a tradição popular, identificando esta estação arqueológica como a cidade lendária de *Armenia*, em razão da imponência das suas ruínas:

“(...) Está na pendente norte do monte de Roques, onde aparecem, em volta da sua pyramide geodesica, ruínas de uma grande povoação que (dizem) era a cidade Armenia. Este monte de Roques é também denominado monte do Santinho pelo povo que julga ver em uma pedra do dito monte as pegadas de S. Silvestre”.

Também Leite de Vasconcelos (1917, 117) se refere ao local, noticiando o aparecimento antigo, de 1892, de *uma chapa metálica que tinha relevos e um orifício de suspensão*. No entanto, só na década de quarenta do séc. XX, aquele que foi o precursor da Arqueologia no Vale do Neiva, Leandro Quintas Neves, teve a oportunidade de explorar, em 1946, um sector de escavação com uma área de 40m² (com um subsídio de dois contos da Faculdade de Ciências do Porto, onde se encontra o espólio respectivo), pondo a descoberto duas casas circulares, uma rua lajeada, uma conduta de água e um espólio constituído por cerâmica comum romana e meia centena de moedas datadas do século IV (Neves 1965, 179). Afinal, uma área que, embora restrita, permitiu concluir estar-se em presença de um povoado do tipo citânia, como Briteiros, Sanfins ou Santa Luzia.

Pela mão deste arqueólogo, fora já visitada esta estação arqueológica por Arlindo Ribeiro da Cunha, em 1 de Janeiro de 1945, a quem se devem descrições arqueológicas e notas etnográficas a análises toponímicas de interesse local e regional (Cunha 1945, 264-268):

(...) Desta vez, levei cicerone, um amigo ilustre que aproveita os intervalos do almofariz e do aviamento de receitas, para o estudo da arqueologia (...). Feita uma rápida visita à pedra de armas do solar das “Três Vilas” e haurindo, a plenos haustos, o cheiro acre dos pinheiros, lá fomos, em alegre cavaqueira, topando aqui e ali com “polidores”, “coups de poing” e instrumentos pré-históricos da última fase do paleolítico. (...) Fossettes propriamente ditas não vi, mas observei umas covas mais largas e irregulares, que, quanto a mim, serviam para fazer sinalagem, em correspondência com outras posições orográficas, algumas das quais ainda hoje se chamam “Monte do Facho” ou do “Talefe”. (...) Só depois é que subimos à “Pegada do santinho”, único calhau aparelhado que lá observei. Fica no alto de todo, e consta duma pedra com degraus e ranhuras pouco parecidas com fossettes. Aquilo deve ser o último vestígio de qualquer estela funerária, ou forno crematório, no género remoto dos da citânia de Briteiros. Aí se vê uma cova oblonga, profunda de alguns centímetros e parecida com pegada de criança de dez anos ou pouco mais. Aquilo – explicam por lá – foi S. Silvestre que ali firmou pé quando fez o jeito de arremessar a bengala para trás das costas (...) a bengala de S. Silvestre voou sobre o vale profundo, e, atravessando o rio num dos pontos mais largos, só foi parar a Carvoeiro (sic).

(...) *Boca da Serpe, vai engolindo silvas e mais silvas, por já lhe não ser mister servir de passadiço secreto por onde os cavalos dos “Mouros” iam beber ao Lima. Perto, ficam uns penedos talhados verticalmente, com riscos de forma incerta que me não pareceram lá muito bem clivagem natural; e, mais além, restos de casas circulares, desenterradas pelo alvião do amável companheiro. A fonte principal da povoação, vimo-la também. Era de mergulho, mas coberta de abóbada de pedra miúda, ao uso do tempo. A mina respectiva derruiu, e a cobertura desabou também em parte notável. Não obstante, ainda tem água, que escorre por uma campina de chão aplanado e bem horizontal. Não se pode bem dizer qual a serventia deste terreiro, aliás único na estância. Se é contemporâneo dos primeiros habitantes da «cidade», não deve ter servido de necrópole, atentos os hábitos daqueles povos pré-históricos. O cemitério, coisa diversa dos de agora, deve ser procurado em sítios de nomes Arcas, Medorra, Modorra ou Madorra; e de tudo isto há nas cercanias, bem como Milhões, que bem pode ser alteração de Malhões. O dito descampado pode ter sido parque de estacionamento de rebanhos, ou até, menos provavelmente, o primeiro campo de cultivo de legumes e cereais. O que é lindo é o panorama que dali se disfruta, no sentido de vila Franca e arredores.*

Identificando menos acertadamente os vestígios da “pegada” com restos de um *forno crematório* (Cunha 1945, 265), o que nos tornaria presumível, segundo os nossos conhecimentos, tratar-se de um balneário castrejo (Silva 1986), foi a informação referente a uma *fonte de mergulho, mas coberta de abóbada de pedra miúda* que permitiu reconhecer a existência dessa estrutura arquitectónica, neste povoado, por ocasião de levantamentos arqueológicos realizados, com as nossas indicações, no Vale do Neiva, por Marco André Ribeiro Pinto e José Luís Martins Maciel, no âmbito dos seus trabalhos de fim de curso na Escola Profissional de Arqueologia (Freixo, Marco de Canaveses).

Dominado todo o povoado por uma ocupação intrusiva de eucaliptos, associados a um manto arbustivo de giestas e mato, não deixa de ser notada a presença de muita erva viçosa e numerosos salgueiros, vegetação denunciadora de abundância de água, já observada por A. Ribeiro da Cunha, essencial à localização e funcionamento destas estruturas.

Apesar da vegetação, os vestígios visíveis permitem-nos notar que este monumento estaria orientado na direcção Este – Oeste, com abertura para a foz do Lima (Fig. 3), em analogia com a generalidade dos casos conhecidos, de certo modo consolidando uma relação de sacralidade entre a sua implantação e o movimento solar, com afinidades noutras situações de religiosidade, como os monumentos megalíticos, as sepulturas e os edifícios de culto cristão. A sua localização na periferia do povoado, mas no interior da última muralha, é similar à de outros povoados, como Sanfins e Briteiros.

Mas o que para nós é perfeitamente clara é a identificação da estrutura pétreia (Fig. 4) que aflora a nascente, com fiadas de pedras de tamanho médio ajustadas em construção hipogeia, com a fornalha desses edifícios balneares, deixando perceber a monumentalidade deste exemplar, em função da sua localização, dimensões e arquitectura, cuja escavação se considera de importância para o esclarecimento destas estruturas singulares da cultura castreja. De relevar, à partida, a presença de alguns seixos rolados com sinais de calcinação, de óbvia relação com o processo de produção de vapor nestes banhos de tipo sauna.

Com efeito, os edifícios destinados a banhos públicos sobressaem pelo seu aparato e técnica construtiva como monumentos especiais do conjunto arquitectónico castrejo, de que se conhecem diversos exemplares por todo o Noroeste (Fig. 5: Silva 1986 e Silva e Gomes 1992, 53; Almagro - Álvarez 1993), desde o Norte da Galiza e Astúrias à margem esquerda do rio Douro: Coaña, Pencia (2), Chao Sanmartín (Villa 1999) e Castiellu de Llagú, nas Astúrias (Villa 2000 e 2001; Berrocal *et alii* 2002, 115); no castro de Borneiro e no castro dos Prados, Ortigueira, na Coruña (Ramil 1995-96), Galiza Setentrional e Augas Santas, na Galiza meridional (Lorenzo Fernández 1948; Galegos e Monte da Saia, em Barcelos (Silva 1986); Sabroso e Briteiros (2) em Guimarães (Ribeiro 1930-34; Cardozo 1932 e 1946); Alto da Eiras, em Famalicão (Silva 2005); Sanfins, em Paços de Ferreira (Almeida 1974); Freixo, Marco de Canaveses (Dias 1997) Sardoura, em Castelo de Paiva, a Sul do Douro (Pinho 1947; Cardozo 1949); e estruturas

recentemente identificadas no Alto das Quintãs, Castro de Calvos, Póvoa de Lanhoso (Dinis 2002), no sopé de Maximinos, em Braga (Lemos *et alii* 2003) a que acrescenta este do castro de Roques, além de vestígios identificáveis noutras estações, v. g., no castro de Ribalonga, Alijó (Parente 2003, 115), no castro do Muro, Baltar, Paredes e no Monte Murado, Vila Nova de Gaia (Aráujo 1920).

Tomando a forma particular de construções hipogeias com câmaras de grandes monólitos aparelhados e com ornamentação do tipo «pedra formosa» de Briteiros (que era, aliás, elemento de um deles) normalmente situadas junto a fontes ou linhas de água nas partes baixas dos povoados, a sua função continua a ser objecto de controvérsia, mesmo depois de ter sido afastada a sua interpretação, mais vulgarizada, como «fornos crematórios» postos em relação com o rito funerário dos povos castrejos (Romero Masiá 1976, 136-157).

Esta função funerária (Ribeiro 1930-34; Cardozo 1932 e 1969; Uría Ríu 1941a e 1941b; García y Bellido 1966 e 1968; Lorenzo Fernández 1948; Tranoy 1981, 336-340) e outras hipóteses, como a de santuários (Sarmiento 1883, 14; Jordá Cerdá 1969, 8-12; Azevedo 1946), fornos de cozer pão (Gómez Tabanera 1980, 98) ou cerâmica (Fernández Fuster 1953, 1954 e 1955), fornos de fundição (Monteagudo 1952) ou ainda matadouros de animais (Azevedo 1946), que lhes foram atribuídas sem o devido fundamento, podem considerar-se abandonadas perante a consolidação da sua interpretação como balneários (Conde Valvís 1955; Chamoso Lamas 1955, 68-69; Almeida 1974; Silva 1983, 101, 135, 1983-84, 125 e 1986), que consideramos convenientemente comprovada pela escavação do monumento de Santa Maria de Galegos, Barcelos, que nos apareceu em apreciável estado de conservação, fornecendo-nos a planta mais acabada deste género de construções bem como outros valiosos dados de espólio para análise, ultrapassando os dos paralelos referenciados na área castreja.

Por este motivo e considerando o avanço dos dados obtidos em relação aos que constam da numerosa bibliografia que pormenorizadamente descreve e discute estes monumentos, remetemo-nos aos aspectos essenciais dos resultados da nossa intervenção no monumento de Galegos e nos elementos conseguidos a respeito do monumento do Monte da Saia, situados, com mais proximidade ao desta notícia, no vale do Cávado, que entendemos suficientes para o confronto mútuo e esclarecimento da posição que vimos assumindo face às diversas teses explicativas.

Para completar este quadro, acrescem os dados da descoberta do monumento escavado na rocha do Freixo, Marco de Canaveses (Dias 1997) e do monumento do Alto das Eiras, Vila Nova de Famalicão (Sarmiento 1970, 58-62; Silva 2005), entre outros dados recentes.

Do estudo efectuado no monumento do Monte da Saia, no sentido de superar a exiguidade das informações a ele referentes, resultou a possibilidade de se elaborar uma planta e alçado das estruturas ainda existentes e determinar aspectos fundamentais da sua construção, clarificando os apontamentos que, confessadamente de memória, nos foram transmitidos por F. Martins Sarmiento (Sarmiento 1970, 58-62).

Situado na freguesia de Chorente, quase na linha divisória desta com Chavão e Carvalhas (Barcelos), na base do castro, para W, em associação com nascentes de água, onde é conhecido por «Forno dos Mouros», este monumento mostrou a composição típica deste género de edifícios com quatro divisórias complementares, que são um átrio, uma ante-câmara, uma câmara e um forno.

O átrio, parcialmente soterrado, era de planta rectangular, com 5.25m no eixo transversal e 2.55m no eixo longitudinal, mostrando ainda vestígios de lajeado irregular, deduzindo-se, do alargamento do espaço para o lado esquerdo do eixo central, que aí estaria situado o tanque onde caía a água por uma caleira bífida no terminal, como a de Briteiros (Cardozo 1932, 22), e de que fariam eventualmente parte as duas conhecidas pedras esculpturadas que foram recolhidas por F. Martins Sarmiento (Cardozo 1985, 159).

A ante-câmara, muito destruída, era também rectangular (2.20 x 2.10m) assim como a câmara (2.55 x 2.10m), cujas paredes laterais não são de grandes monólitos mas construídas em alvenaria por pequenas pedras bem aparelhadas com troços em fiadas horizontais, denunciando reconstrução.

O forno era de planta subcircular, com diâmetro médio da base de 2.00m, crescendo, em falsa cúpula, até uma altura superior a 2.00m, segundo as dimensões existentes, e dava para a câmara por uma entrada com 1.15m de largura.

Deste modo, apesar de despojado de elementos significativos por sucessivas violações, verificou-se que restava deste monumento do Monte da Saia o suficiente para a sua caracterização e estabelecimento de analogias com os seus paralelos, de que o mais imediato é o de Santa Maria de Galegos, da mesma região, do outro lado do Cávado.

O monumento de Galegos encontra-se implantado no interior da muralha externa de um pequeno castro existente no lugar de Pena Grande no sopé do Monte do Facho ou Citânia de Roriz (Barcelos) e com certeza dele derivado como consequência de uma expansão demográfica, associado a uma nascente localizada nas imediações, uns 50m para E.

Repetindo genericamente o modelo tradicional, o primeiro compartimento deste edifício constitui um recinto relativamente espaçoso de planta aproximadamente quadrangular com um tanque, rectangular, situado no ângulo anterior esquerdo, onde caía água corrente, que era trazida da nascente por uma conduta e que escoava para o exterior por um esgoto situado no lado direito do átrio junto à entrada.

Os muros laterais são construídos em mamposteria com duas fiadas de pedras de aparelho irregular e o sector do tanque e paredes conexas em grandes monólitos aparelhados, que possuiria, segundo a altura dos muros perviventes, uma cobertura de materiais perecíveis, como também parece ter existido em Sanfins e certamente nos restantes, devendo tratar-se igualmente do único corpo do monumento que não estaria soterrado.

Mais uma vez ressaltam adequadas medidas de higiene havidas na condução, depósito e escoamento da água, que têm de ser interpretadas de acordo com a sua utilização. Torna-se sobretudo clara uma intenção de limpeza no encanamento da conduta formada por *imbrices*, quase todos com marcas de fabrico, algumas repetidas, feitas com os dedos, sucessivamente contrapostos formando tubo e protegidos por alinhamentos pétreos lateral e superiormente, assim como na pavimentação do tanque com *tegulae* bem ajustadas entre si, elementos que se mantiveram praticamente intactos graças aos cuidados postos na sua construção, que entendemos ser resultado de um arranjo na fase final do seu funcionamento. Neste aspecto, mostra-se diferente dos outros monumentos, que têm caleira de pedra, mas já o escoamento das águas excedentes se fazia como em Sanfins por um esgoto formado por guias laterais e cobertura de pedras.

Este espaço, com cerca de 14m² de área (4.00 x 3.5m), segundo as dimensões médias dos eixos longitudinal e transversal) é menor que o de Sanfins (18.48m²) e que o do Alto das Eiras, este bem mais amplo, e maior que o de Briteiros (12.00m²) e o do Monte da Saia (13.40m²), os únicos cujo estado de conservação permite estes confrontos.

O tanque, com 1.70 x 0.88 x 0.82m de comprimento, largura e altura internas, é também mais pequeno que o de Sanfins, que estava, de resto, associado a uma outra pia suplementar, quadrangular, de menores dimensões, formando assim um conjunto de planta mais complexa.

O núcleo principal deste monumento é constituído por duas câmaras complementares de planta e construção análogas, reproduzindo singularmente o esquema destes edifícios. Mas, pela primeira vez, se documenta uma ante-câmara com os seus elementos fundamentais, de que se destaca um pórtico monolítico com entrada de arco redondo de 1.70 m de altura e 1.07m de largura amparado por dois esteios laterais, um deles com decoração simbólica, encaixados em rasgos no pavimento segundo processo já observado em Sanfins, e a presença de dois bancos corridos, um de cada lado do seu interior, formando um espaço de planta quase quadrangular (2.15m de eixo longitudinal x 2.20m de eixo transversal).

A existência de uma porta larga, servindo de entrada, conta com paralelos em Sanfins, Briteiros e Quintãs e permitirá eventualmente corrigir as leituras feitas do monumento de Augas Santas, em que se poderá considerar, pelas dimensões da abertura (1.60m de altura x 0.63m de largura), como entrada da

ante-câmara o elemento desse balneário tido como estela de câmara, a menos que se trate, o que não nos parece verosímil, de uma nova tipologia de balneário com uma só câmara. Idêntica função terão desempenhado os dois monólitos ricamente decorados, formando arco como o de Galegos, recentemente aparecidos no sopé do castro de Ribalonga, junto ao do Pópulo (Alijó, Vila Real). Esta estrutura formaria a metade esquerda da entrada da ante-câmara, com altura interna de 1.59m, e a ornamentação da parte superior era constituída por um desenho heliolátrico, com 21 raios dextróginos partindo de uma cavidade central côncava e enquadrada por um círculo externo de 0.50m de diâmetro, uma série de três círculos encadeados e um motivo em espiga na parte inferior. Vestígios desta decoração na parte superior fazem supor a simetria da sua reprodução na outra metade em falta (Parente 2003, 115).

A presença de bancos na ante-câmara é também documentada no balneário recentemente descoberto em Braga, no monumento cavado do Freixo, e uma análise mais atenta do monumento de Sanfins permitiu-nos observar também vestígios da sua existência no muro lateral Norte, indicando tratar-se de um elemento constitutivo deste espaço que obviamente beneficia a interpretação que vimos seguindo. Evidência semelhante foi observada no balneário o Alto das Quintãs e no Alto das Eiras apontando-se neste exemplar, pelas marcas fixadas no pavimento e na estela central, tratar-se de dois exemplares alinhados perpendicularmente à entrada, com cerca de 2.80m de comprimento por 0.40m de largura e 0.50m de altura.

No fundo deste pequeno compartimento com 4.70m² de área, ergue-se a estela, com 2.70m de largura e 2.45m de altura máx., que a separa da câmara com que comunica através de uma pequena abertura, típica destes monumentos, com 0.51m de largura x 0.43m de altura, que tem a singularidade de apresentar um bloco transversal de reforço profusamente decorado nas faces visíveis e com rasgos na zona central para apoio das mãos, a facilitar a entrada, repetindo as situações, os processos e os pormenores de construção e utilização dos monumentos congêneres. Mesmo a decoração, apesar de não gravada na própria estela, não deixa de a distinguir com a sua peça mais nobre prototipizada na «pedra formosa» de Briteiros.

A câmara, integralmente construída, como a ante-câmara, por grandes monólitos aparelhados e cuidadosamente ajustados, formava uma verdadeira estufa de planta rectangular (2.45m long. x 2.08m transv.) com cobertura em duas águas, com altura interna média de 1.50m junto aos muros laterais e 2.20m na zona central, de que ainda encontrámos uma capa *in situ*, outra caída mas ainda encaixada no entalhe da parede lateral e as restantes derrubadas.

É também, neste aspecto, idêntica à construção de outros balneários congêneres com excepção para o do Monte da Saia, com paredes laterais de alvenaria de aparelho horizontalizado, porventura de reconstrução.

De salientar a presença no seu interior, sobre o pavimento lajeado, de alguns seixos rolados e numerosas pedras, pequenas e médias, calcinadas e polidas da mesma natureza de outras aparecidas no chão do forno, como as que observamos também no castro de Roques.

A fornalha, que comunicava com a câmara por uma entrada larga, flanqueada por dois esteios a servir de ombreiras, é de planta subcircular, com paralelos na generalidade dos monumentos, mas mais semelhante ao de Sanfins e Augas Santas, com 2m de eixo longitudinal e 1.90m de eixo transversal, subindo em falsa cúpula até à altura de 2.70m, em que era coberto por uma laje de 0,20m de espessura colocada horizontalmente e que tinha um orifício central com 0.20m de diâmetro estimado que servia de chaminé. É evidente o paralelo com a fornalha do castro de Roques, que é manifestamente de maiores dimensões.

Relativamente à parte superior desta estrutura, que teria chaminé, conseguimos, em Santa Maria de Galegos, um fragmento significativo que tornou possível a sua reconstrução com garantias de fidelidade, não se tendo recuperado a parte restante, que fora retirada previamente à nossa intervenção e utilizada na construção de uma casa nas imediações. Deste modo, se confirmam as sugestões fornecidas pelos vestígios de pedras perfuradas em Briteiros e Augas e também de Sanfins e Freixo, a partir dos fechos reconhecidos que apontam para soluções aproximadas.

O pavimento, de empedrado irregular, diferia do lajeado de toda a construção mesmo da do átrio, apresentando-se todavia bastante danificado.

Nesta análise descritiva se foi manifestando com certa nitidez a adequação destes monumentos a uma função balnear, como vimos defendendo, considerando desnecessário invocar demasiadamente as outras teorias, que se foram invalidando com argumentos anteriormente referidos no decurso da polémica que tem envolvido a interpretação funcional destes monumentos desde as discussões em torno da «Pedra Formosa», que conta com numerosas referências desde a mais antiga notícia que lhe diz respeito, datada de 1723, da autoria de Craesbeck (Cardozo 1932, 38), podendo seleccionar-se, de uma extensa bibliografia, os trabalhos de Sarmiento de 1904 e 1879= 1933, 470-480; Vasconcellos 1913, 616-618, que a consideraram respectivamente como uma ara de sacrifícios, ou para libações, e Hübner 1879, 19-20, 1880, 60ss e 1888, 232ss, entendendo-a como frontão de um monumento funerário, mas que fazia parte de um segundo balneário de Briteiros (Cardozo 1932, 44 e 1935).

Com efeito, esta solução, que fora primeiramente lançada por F. Conde Valvis e de certo modo também por M. Chamoso Lamas a partir da escavação do monumento de Santa Marina de Augas Santas e posteriormente adoptada por C. A. Ferreira de Almeida a propósito de Sanfins e que não convencera, com os dados aduzidos, os adeptos da sua interpretação como fornos crematórios (vg., Tranoy 1981, 341-346), conta agora com provas decisivas, que sistematizámos em consideração aos dados anteriormente conhecidos e aos entretanto conseguidos sobre a sua implantação, estrutura e índices de funcionamento.

A implantação destes monumentos, localizando-se, em geral, nas zonas baixas dos povoados nas proximidades de linhas de água ou de nascentes, relaciona-se directamente com a captação da água para os banhos de água fria e para a produção do vapor necessária para este tipo de banhos.

A sua construção soterrada, que também lhe poderia favorecer essa captação, tem por objectivo principal a manutenção do calor particularmente procurada através da técnica construtiva das câmaras em que se utilizaram grandes monólitos aparelhados e bem ajustados com as juntas vedadas, quando necessário, com argamassa barrenta, conforme testemunhámos pelo interior nos vestígios da união da cobertura da ante-câmara à estela de Galegos, e que igualmente se observara em Briteiros (Cardozo 1932, 16) e no Alto das Eiras (Silva 2005, 30, 43). Com a mesma finalidade terá sido o exterior recoberto por espessa camada barrenta, que se estendia sobre as lajes da cobertura, em toda a extensão, sobre a câmara e sem dúvida também sobre a ante-câmara, onde não foi registada estratigraficamente por ter sido retirada aquando da sua violação para remoção e reaproveitamento das lajes.

E se a planta e estrutura dos monumentos põem objecções óbvias a um funcionamento de carácter utilitário, como o de cozer pão ou cerâmica, fundir metais ou servir de matadouro, e também não deixaria de apresentar idêntica disfuncionalidade se destinados a lugar de cremação ou de sacrifício (Cfr., vg., Romero Masiá 1976, 153-157), comporta, por outro lado, todos os elementos necessários para a realização de banhos de vapor e água fria, conforme referido em Estrabão III, 3, 6, se bem interpretado.

Com o fogo aceso na fornalha, com ventilação pela entrada da câmara e chaminé a activar a combustão, procedia se simultaneamente ao aquecimento do ambiente e dos seixos rolados e outras pedras aí colocadas, que eram posteriormente trazidas para o interior da câmara e sobre as quais se lançava água fria para produzir o vapor, que aí se continha, funcionando como uma verdadeira estufa.

Trata-se, efectivamente, de um dado concludente de grande importância, para se poder considerar estes monumentos como destinados a banhos sauna, o achado deste espólio lítico utilizado para a produção de vapor em banhos deste género, a que se atribui tradicionalmente uma origem nórdica (vg., *Dictionnaire Encyclopédique Larousse*, 1976, 1274, vb. *sauna*).

Idêntico achado de materiais líticos se verificou no balneário castrejo do Freixo (Dias 1997) e no de Sanfins, que não foi considerado na sua escavação em 1972-73, segundo observação por nós feita no decurso de trabalhos de conservação e restauro realizados em 1993 em que referenciámos inúmeros exemplares de pedras removidas do interior do monumento. É curioso que já M. Cardozo destacava uma presença similar no interior do balneário de Briteiros de «um grande número de pedras roladas, de diversos

tamanhos, muito póidas, apresentando por vezes vestígios evidentes de terem sido requeimadas pelo fogo» (Cardozo 1932, 19), para que dera uma explicação que não se apresenta com verosimilhança uma vez que, para ele, teriam servido para polir a zona da entrada da câmara, o que não explica a sua enorme quantidade e níveis de calcinação nem condiz com o estado das faces das pedras por nós recolhidas, que têm as arestas boleadas mas as faces irregulares, longe de denunciarem uma utilização abrasiva em polimento. Segundo a nossa interpretação, o polimento dessa zona dos monumentos vem da fase da sua construção para comodidade de passagem e que, assim entendidas, reforçam a nossa posição.

Algumas dessas pedras eram de granito, mas a maior parte era constituída por seixos rolados com certeza trazidos do rio Cávado, que passa perto, e pequenos blocos de quartzo, porventura atendendo à sua particular dureza e capacidade calorífera e de resistibilidade à fractura provocada por brusco arrefecimento. A própria análise sugere essa utilidade, evidenciando uma sujeição a elevadas temperaturas por exposição directa ao fogo, tendo-lhes aderido uma camada de cinza e, além disso, uma película de calcário como resíduo da água fria que sobre elas era lançada para a obtenção do vapor.

É especificamente a este processo que se reporta o texto de Estrabão III, 3, 6 quando refere “banhos de vapor produzido por pedras aquecidas”, segundo a tradução literal, cujo sentido é respeitado na tradução de A. Schulten (1952, 210-211), sem no entanto a relacionar com este tipo de monumentos. Não serão também de aceitar outras versões, mais livres e descontextualizadas, que poderão ter origem em confrontos menos rigorosos com o original grego, como o próprio A. Schulten aponta em relação à de A. García y Bellido (1968, 118 - 119).

A interpretação de F. Lasserre (1966, 56), seguida por A. Tranoy, forçada, para evitar uma possível intenção filohelénica de Estrabão (Tranoy 1981, 345-346), acaba por adulterar o sentido do texto, cuja leitura se torna agora mais explícita com os dados arqueológicos.

Melhor explicada fica também a função da ante-câmara com a existência dos bancos, a indicar uma maior permanência num local com temperaturas moderadas, uma situação intermédia análoga à do *tepidarium* das termas romanas.

Os banhos de água fria citados por Estrabão, seguir-se-iam aos de vapor como nos banhos romanos e outros paralelos (Vg., Schulten 1952, 211), tendo lugar no átrio, eventualmente por imersão, nos tanques de água corrente.

Entre os índices de funcionamento, já observámos a existência de pedras calcinadas e desgastadas pela sua deslocação entre a fornalha e a câmara para a produção de vapor, a que se deve acrescentar a acumulação de carvões e cinzas na área do forno e sobretudo na parte exterior contígua ao átrio, para onde eram lançadas por ocasião das operações de limpeza, formando uma espessa camada, em situação idêntica à verificada em Sanfins (Almeida 1974, 166).

Se esta circunstância já, de si, desaconselha uma utilização como fornos crematórios, atendendo ao abandono das cinzas, também a ausência de matéria orgânica de origem animal, segundo as análises a que foram sujeitas amostras provenientes de Galegos, não abona essa pretensa função crematória não só em relação com os ritos funerários mas também com eventuais sacrifícios de animais quando tidos por «santuários de águas», do agrado de F. Martins Sarmiento, a partir dos relevos do monumento do Monte da Saia.

Mas quando rejeitamos, nestes termos, uma função estritamente sacral destes monumentos, ao entendê-los primariamente como utilitários, não deixamos de admitir uma envolvência de carácter religioso na prática do banho, salutar e purificador, eventualmente traduzido na simbólica dos motivos representados, com repetições que não poderão passar despercebidas, e ainda mais quando considerados com qualidades medicinais, segundo circunstância que o topónimo Augas Santas de um desses monumentos exemplarmente denuncia.

E, com estes dados, se entende melhor esclarecido o problema da função destes discutidos monumentos, que o estudo do balneário castrejo do Freixo mais terá reforçado ao evidenciar a sua substituição por umas termas romanas, situação que de certo modo também se aproxima o caso de Braga, recentemente testemunhado.

O paralelo, entretanto estabelecido com um monumento congénere referenciado no castro de Ulaca (Solosancho, Ávila), na Meseta, permitiu uma nova abordagem sobre as áreas de dispersão e o significado desta prática banhar, ora interpretada em contexto de proto-celtização ou celtização relacionada com rituais iniciáticos dos guerreiros castrejos (Almagro - Moltó 1992; Almagro - Álvarez 1993) e a sua preparação física. Em nossa opinião, porém, esta solução não exclui a de poder funcionar também, cumulativamente ou em separado, como nos é sugerido pela existência de dois monumentos em Briteiros, para banhos rituais de carácter medicinal, como os que se registam em textos sânscritos da medicina ayur-védica com recurso a óleos, plantas e outros elementos, documentados em diversas áreas indo-europeias (Silva 2003, 48).

A tipicidade e constância dos elementos decorativos, por vezes havidos como meramente ornamentais, parecem suportar a sua interpretação simbólica num quadro de religiosidade de aparente relação aos três elementos de base dos humores vitais da tradição indo-europeia referida, designadamente: o fogo, princípio de combustão e fonte de energia, simbolizado em composições com base no círculo; o vapor ou o ar, sopro da vida, significado porventura por motivos encadeados, de SS ou círculos; e a água, matéria comum a todas as secreções, representada por linhas ondulantes, se é que esta iconografia não representa a estruturação tripartida e trifuncional, da soberania, força e fecundidade, segundo o esquema duméziliano. Em qualquer caso, indicações de uma matriz indo-europeia, que pensamos reportar-se a contextos pré-célticos, denunciados por outras vias, designadamente epigráfica e linguística, como componentes da cultura indígena.

Monumentos de arquitectura singular no âmbito da cultura castreja do Noroeste peninsular (Fig. 5), com dois núcleos e tipologias individualizados pela localização geográfica (um entre as bacias do Douro e Minho, de tipo I, e outro no Norte da Galiza e Astúrias, tipo II), pelo material de construção (granito/xisto), particularidades de implantação (zonas baixas/zonas altas), estruturas (planta do forno subcircular/rectangular, átrio no alinhamento do eixo central/posição lateral) e técnica construtiva (utilização de monólitos/alvenaria), entre as mais significativas, de que se poderá individualizar um terceiro tipo, pela singularidade da sua construção rupestre, sem que lhes possamos apontar paralelos para relação nem descobrir antecedentes em que se radiquem, que terão existido em estruturas perecíveis, situam-se, cronologicamente, segundo os elementos conhecidos das suas escavações confirmados pelos dados estratigráficos relativos à construção do monumento de Galegos, na fase III da nossa periodização.

Com abundante espólio recolhido na escavação deste monumento, que se reporta, como seria natural, à fase final da sua utilização e a depósitos ulteriores de abandono, destruição e violações ilustrados nos cortes estratigráficos registados, foram também conseguidos alguns fragmentos de cerâmica castreja nas zonas intervencionadas para o estudo da sua implantação, que no lado Sul atingiu o solo natural, contando entre os elementos obtidos fragmentos de *dolia* e taças e outros vasos de perfil em S feitos à roda, da fase III, certamente da sua primeira parte (IIIA).

Alguns elementos constantes da sua estrutura, já referidos, como os *imbrices* da conduta e as *tegulae* que ladrilham o fundo do tanque apontam para uma fase final de utilização em época romana, o que é confirmado por abundante espólio de cerâmica comum e alguma sigillata hispânica, entre a qual uma forma Drag. 27, recolhida no estrato de ocupação do átrio, que sugere uma cronologia do séc. II d.C., documentando-se posteriormente diversos estratos de abandono e destruição e violação recente, que deve ter tido como finalidade a remoção das lajes de cobertura da ante-câmara.

Assimilados por Estrabão a hábitos espartanos, segundo pensamos, sem intenção de os referenciar a uma origem helénica, que os dados cronológicos disponíveis desaconselham, garantindo não se tratar de uma versão indígena das termas romanas (Conde Valvís 1955, 443-446; Almeida 1974, 167; Calo Lourido 1993, 151), conforme se deduz dos resultados da escavação do balneário pré-romano de Braga (Lemos *et alii* 2004), a construção destes edifícios de clara utilidade pública, de indelével originalidade, corresponde, a par de outras construções que se destinavam a serviços religiosos e políticos,

a um momento de progresso da organização da sociedade que se reflecte, em termos materiais, num ordenamento proto-urbano em que se torna nítida a preocupação de seleccionar e distribuir os espaços públicos e domésticos segundo um plano que consideramos característico da última etapa da cultura castreja, para cujo entendimento a escavação deste balneário poderá vir a constituir valioso contributo.

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO-GORBEA, M.; ÁLVAREZ SANCHÍS, J.R.(1993) - La “sauna” de Ulaca: saunas y baños iniciáticos en el mundo céltico, *Cuadernos de Arqueología de la Universidad de Navarra*, 1, p. 177-232.
- ALMAGRO-GORBEA, M.; MOLTÓ L. (1992) - Saunas en la Hispania prerromana, *Actas de la Mesa Redonda “Aguas Mineromedicinales, Termas curativas y Culto a las Aguas en la Peninsula Ibérica” (= Espacio, Tempo y Forma*, 3 (5)), Madrid, p. 67-102).
- ALMEIDA, C. A. F. (1974) - O monumento com forno de Sanfins e as escavações de 1973, *III Congresso Nacional de Arqueologia*, 1974, p. 149-172.
- ALMEIDA, C. A. F. (1978) - *Castelologia Medieval de Entre Douro-e-Minho*, Porto, (dactil).
- ALMEIDA, C. A. B. (1990) - *Proto-História e Romanização da Bacia Inferior do Lima*, Centro de Estudos Regionais, Viana do Castelo
- ARAÚJO, J. R. (1920) - *Perosinho - Apontamentos para a sua monographia*. Porto (reimp. 1980).
- AZEVEDO, A. (1946) - O «Monumento Funerário» da Citânia (Nova interpretação), *Revista de Guimarães*, 56 (1-2), p. 150-164.
- BERROCAL RANGEL. L.; MARTÍNEZ SECO, P.; RUÍZ TRIVIÑO, C. (2002) - *El Castiellu de Llagú.*, Madrid (BAH, 13).
- CALO LOURIDO, F. (1993) - *A cultura castrexa*, Vigo.
- CARDOZO, M. (1932) - *A última descoberta arqueológica na Citânia de Briteiros e a interpretação da «Pedra Formosa»*, Guimarães (= *Revista de Guimarães*, 41 (1-2), 1931, p. 55-60; 41 (3), 1931, p. 201-209; 41 (4), 1931, p. 250-260; 42 (1-2), 1932, p. 7 -25; 42 (3-4), 1942, p. 127-139).
- CARDOZO, M. (1935) - Possível identificação do primitivo local da «Pedra Formosa» na Citânia de Briteiros, *Revista de Guimarães*, 45 (3-4), p. 150-153.
- CARDOZO, M. (1946) - O «monumento funerário» da Citânia, *Revista de Guimarães*, 56 (3-4), p. 289-308.
- CARDOZO, M. (1949) - Nova estela funerária do tipo da «Pedra Formosa», *Revista de Guimarães*, 59 (3-4), p. 487-516.
- CARDOZO, M. (1969) - O acesso ao interior da câmara funerária hipogeia da Citânia de Briteiros, *Archivo Español de Arqueología*, 42 (119-120), Madrid, p. 204-208.
- CARDOZO, M. (1985) - *Catálogo do Museu Martins Sarmento, 1.º parte: Secção lapidar e de escultura*. Guimarães, 3.ª ed. (1.ª ed., 1935; 2.ª ed., 1972).
- CHAMOSO LAMAS, M. (1955) - Santa Mariña de Aguas Santas (Orense), *Cuadernos de Estudios Gallegos*, 10 (30), Santiago de Compostela, p. 41-88.
- CONDE VALVÍS, F. (1955) - Las termas romanas de la «Cibdá» de Armea en Santa Marina de Aguas Santas, *III Congreso Arqueológico Nacional* (Galicia, 1953), Zaragoza, p. 432-446.
- COUTO, A.; VIANA, T. S.; ARAÚJO, J. R. (1935) - Subsídios Etnográficos, *Alto Minho*, 1, Viana do Castelo, p. 27-30.
- CUNHA, A. R. (1945) - Ensaio de Toponímia - Roques, *Acção Católica*, 39, Braga, p. 264-268.

- DIAS, L. A. T. (1997) - *Tongobriga*, Lisboa.
- DINIS, A. P. (2002) - O balneário do Alto de Quintãs (Póvoa de Lanhoso, Norte de Portugal). Um novo caso a juntar ao livro negro da arqueologia de Entre-Douro-e-Minho, *Mínia*, 3ª Série, 10, Braga, p. 159-179.
- FERNÁNDEZ FUSTER, L. (1953) - Sobre la interpretación de los monumentos con «pedras formosas», *Archivo Español de Arqueología*, 26 (88), Madrid, p. 379-384.
- FERNÁNDEZ FUSTER, L. (1954): Interpretación de la «Piedra Formosa» de Briteiros», *Cuadernos de Estudios Gallegos*, 9 (27), Santiago de Compostela, p. 15-33.
- FERNÁNDEZ FUSTER, L. (1955): La «Pedra Formosa» de Briteiros, *III Congreso Arqueológico Nacional* (Galicia 1953), Zaragoza, p. 372-374.
- GARCÍA y BELLIDO, A. (1966) - O problema dos enterramentos na cultura castreja, *Revista de Guimarães*, 76 (1-2), p. 5-24.
- GARCÍA y BELLIDO, A. (1968): Cámara funeraria de la cultura castreña, *Archivo Español de Arqueología*, 41 (117-118), Madrid, p. 16-44.
- GOMEZ-TABANERA, J. M. (1980) - Aspectos de la cultura castreña en sus manifestaciones en Asturias y de los modos de producción en las sociedades protohistóricas del NW de la Península Ibérica, *I Seminário de Arqueologia de Noroeste Peninsular*, 2, Guimarães, p. 87-110.
- GUERRA, L. F. (1900) - Límia e Brutóbriga, *O Arqueólogo Português*, 5, Lisboa, p. 2-7.
- HÜBNER, E. (1879) - Citânea, *Archeologia Artística*, 1 (5), p. 19.
- HÜBNER, E. (1880) - Citânia, Altherthümer in Portugal, *Hermeszeitschrift für Classische Philologie*, Berlin, 1880.
- JAMESON, F. (1984) – Postmodernism, or, the cultural logic of Late Capitalism, *New Left Review*, nº 146.
- JORDÁ CERDÁ, F. (1969) - *Guía del Castrillón de Coaña.*, Salamanca, 1969.
- LASSERRE, F. (1966-69) - *Strabon, Géographie*, Paris, 1966 (2), 1969 (1).
- LEAL, A. P. (1886) - *Portugal Antigo e Moderno*, 11, Lisboa, 1886.
- LEMOIS, F.S.; LEITE, J.M.F.; BETTENCOURT, A.M.S.; AZEVEDO, M. (2003) – O balneário pré-romano de Braga, *Al-madan*, II Série, 12, Almada, p. 43-46.
- LORENZO FERNÁNDEZ, J. (1948) - El monumento proto-histórico de Águas Santas y los ritos funerarios de los castros, *Cuadernos de Estudios Gallegos*, 2 (10), Santiago de Compostela, p. 157-211.
- QUEIROGA, F. M. V. R. (2003) - *War and Castros*, Oxford (BAR, IS 1198) (= Oxford, 1992, Diss. Doutoramento, policop.)
- QUEIROGA, F. M. V. R.; DINIS, A. P.(1997) – A estrutura de banhos castreja do castro das Eiras, Vila Nova de Famalicão, *Actas do Colóquio de Homenagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida*. Santiago de Compostela (prelo).
- MACIEL, T. (2003) - *O povoamento proto-histórico do Vale do Neiva*, Antas – Esposende (= Porto, 1997, Diss. Mestrado policop.).
- MONTEAGUDO, L. (1952) - Monumentos propiedad de la Sociedad Martins Sarmiento, *Archivo Español de Arqueología*, 25 (85), Madrid, p. 112-116.
- MOREIRA, M. A. F. (1982) - A romanização do litoral do Alto Minho, *Caminiana*, 6, Caminha, p. 54.
- NEVES, L. Q. (1946) - Na citânia de Roques - a Bôca da Serpe, *Arquivo do Alto Minho*, 2, Viana do Castelo, p. 56-61.
- NEVES, L. Q. (1959) - O castro do “Santinho” ou Roques no termo de Viana do Castelo, *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, 1, Lisboa, p. 381-387.

- NEVES, L. Q. (1965) - Os Castros do Norte de Portugal, *Lucerna*, 4, Porto, p.172-180.
- NUNES, H. B. (1979) - Uma visita ao castro do Santinho (Roques), *Festa das Neves*, 6, Viana do Castelo, p. 18-24.
- PAÇO, A. (1968) - A Citânia de Sanfins, *Revista de Etnografia*, 20 (2), Porto, p. 329-354.
- PARENTE, J. (2003) - *O Castro de S. Bento (concelho de Vila Real) e o seu ambiente arqueológico*. Vila Real.
- RAMIL, G. E. (1995-96) - O monumento com forno do Castro dos Prados-Espasante (Ortigueira, A Coruña) Memoria de investigação, *Brigantium*, 9, A Coruña, p. 13-60.
- RIBEIRO, F. (1930-34) - Novas descobertas arqueológicas na Citânia de Briteiros, *Revista de Guimarães*, 40 (3-4), p. 171-175; 44 (3-4), p. 205-208.
- ROMERO MASIÁ, A. (1976) - *El habitat castreño*, Colexio de Arquitectos de Galicia, Santiago de Compostela.
- SARMENTO, F. M. (1970) - Os inéditos de Martins Sarmiento, *Revista de Guimarães*, 80 (1-2), p. 5-72.
- SARMENTO, F. M. (1888) - Antigualhas, *Revista de Guimarães*, 5, p. 150.
- SARMENTO, F. M. (1999) - *Antiqua*, Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães.
- SCHULTEN, A. (1952) - *Estrabón, Geografía de Iberia*. Barcelona (Fontes Hispaniae Antiquae, 6).
- SILVA A.C.F. (1981-82) - Novos dados sobre a organização social castreja, *Portugalia*, Nova Série, 2-3, p. 83-94 (= *III Colóquio de Línguas e Culturas Paleohispânicas da Península Ibérica*, Salamanca, 1985, p. 201-224).
- SILVA A.C.F. (1983) - *Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira)*. Paços de Ferreira.
- SILVA A.C.F. (1983-84) - A cultura castreja no Noroeste de Portugal: habitat e cronologias, *Portugalia*, Nova Série, 3-4, (Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste), Porto, p. 121-129.
- SILVA A.C.F. (1986) - *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.
- SILVA A.C.F. (2003) - Expressões guerreiras da sociedade castreja, *Madrider Miteillungen*, 44, Maines am Rheim, p. 41-50.
- SILVA, A.C.F.; GOMES, M.V. (1992) - *Proto-História de Portugal*, Lisboa.
- SILVA, A. C. F. (Coord. de); DINIS, A. P.; OLIVEIRA, F.; QUEIROGA, F. M. V. R. - "Vila Nova de Famalicão - Do Neolítico à Romanização", *História de Vila Nova de Famalicão*, Vila Nova de Famalicão, 2005, p. 11-61.
- TRANOY, A. (1981) - *La Galice romaine. Recherches sur le Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité*, Paris (Publications du Centre Pierre Paris, 7).
- URIA RÍU, J. (1941a) - Excavaciones en el Castellón de Coaña, *Revista de la Universidad de Oviedo*, 2.
- URIA RÍU, J. (1941b) - Ritos funerários en las cámaras de Briteiros y Coaña, *Revista de la Universidad de Oviedo*, 3.
- VASCONCELLOS, J. L (1900) – Extractos da correspondência de Francisco Martins Sarmiento (1881-83), *Revista de Guimarães* (Número especial dedicado a Francisco Martins Sarmiento), Porto, p. 83-96.
- VASCONCELOS, J. L. (1913) *Religiões da Lusitania*, 3, Lisboa (reimp. 1981).
- VASCONCELOS, J. L. (1917) - Coisas Velhas, *O Arqueólogo Português*, 22, Lisboa, 1917, p. 107-169.
- VIANA, A. (1932) - Justificação para um cadastro de monumentos arqueológicos para o estudo da Arqueologia do Alto Minho, *Anuário do Distrito de Viana do Castelo*, 1, p. 154-164.
- VILLA VALDÉS, A. (1999) - Castro del Chao Samartín (Grandas de Salime), *Excavaciones arqueológicas em Asturias, 1995-1998*, 4, p. 11-123.

VILLA VALDÉS, A. (2000) - Saunas castreñas en Asturias, in Fernández Ochoa-Entero (ed.), *Termas romanas en el Occident del Imperio*, Gijón, p. 97-114.

VILLA VALDÉS, A. (2001) - Edificios termales en los castros asturianos, *Revista de Arqueología*, 241, Madrid, p. 18-27.

WALSH, M. (1994) – *Representation of the past: Museums and heritage in the postmodern world*, Routledge, London – New York, 1994.

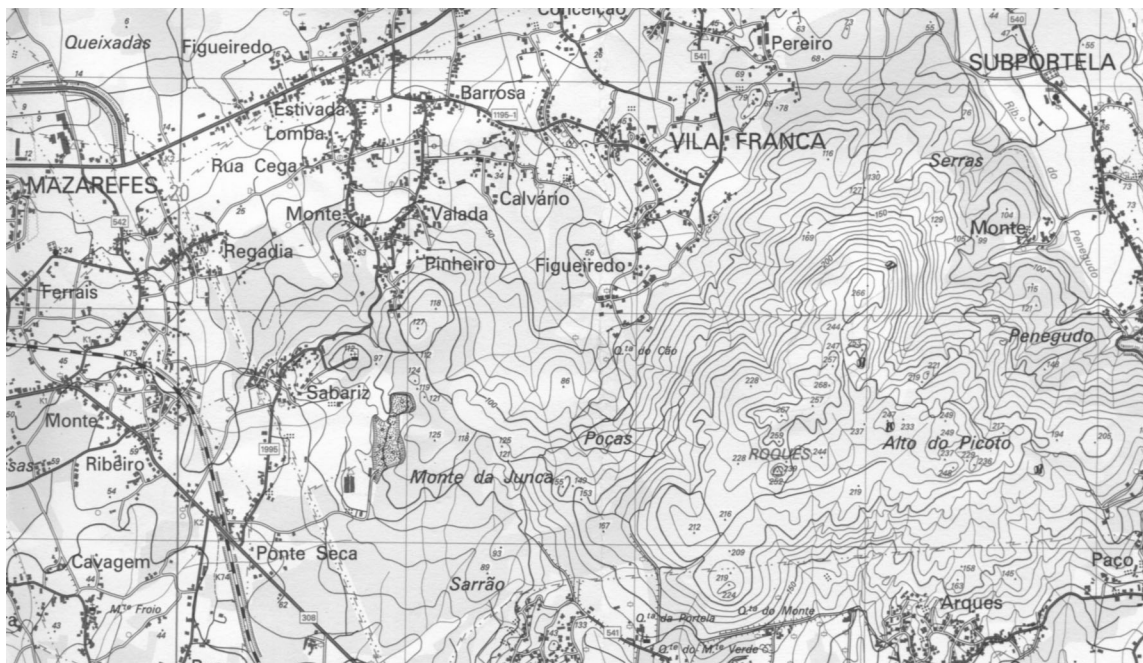


Fig. 1 - Carta Militar de Portugal, 1: 25.000 - Folha 40 (Pormenor).



Fig. 2 - Castro de Roques.



Fig. 3 - Vista da Foz do Lima tomada a partir do Castro de Roques.



Fig. 4 - Balneário do Castro de Roques.

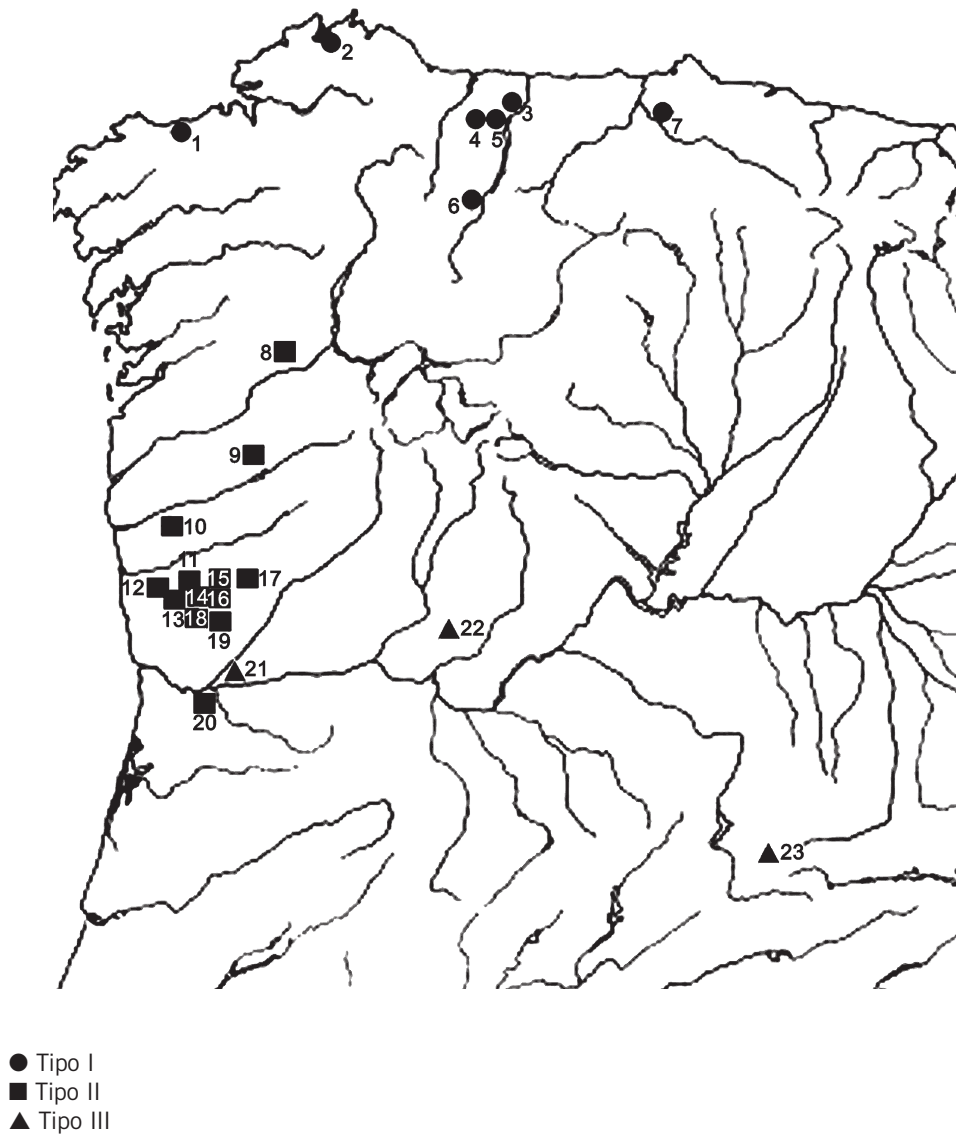


Fig. 5 - Distribuição dos balneários castrejos no Noroeste da Península Ibérica.